



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 11, número 1, jan.-abr. 2022

A CONCEPTUALIZAÇÃO DO NOVO CORONAVÍRUS EM MEMES MULTIMODAIS DE REDES SOCIAIS: UMA GUERRA EM TEMPOS DE PANDEMIA



THE CONCEPTUALIZATION OF THE NEW CORONAVIRUS IN MULTIMODAL MEMES OF SOCIAL MEDIA: A WAR IN A PANDEMIC TIME

Jonedson Costa RIOS
Universidade Federal da Bahia, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 19/10/2021 • APROVADO EM 25/03/2022

Resumo

Neste artigo, apresentam-se resultados obtidos mediante um estudo acerca das conceptualizações metafóricas e metonímicas do novo coronavírus em memes multimodais publicados em redes sociais, como Twitter e Facebook. Para a realização do estudo, foram utilizados os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, principalmente da subárea Semântica Cognitiva, e foram feitos diálogos com autores como Lakoff e Johnson (2002), Sánchez (2009), Soriano (2012), Andrade (2016), Almeida (2020), entre outros. Sendo assim, a pesquisa partiu de uma revisão bibliográfica e de técnicas metodológicas da área, e realizou, por fim, discussões sobre as metáforas e metonímias conceptuais acionadas a partir do *corpus*, bem como os domínios experienciais envolvidos nesses processamentos.

Abstract

This current paper presents the results of a study about the metaphorical and metonymic conceptualizations of the new coronavirus in memes published on social media such as Twitter and Facebook. For this study, theoretical assumptions of Cognitive Linguistics were adopted, specifically from its subarea Cognitive Semantic, and dialogues were produced with authors such as Lakoff and Johnson (1980), Sánchez (2009), Soriano (2012), Andrade (2016), Almeida (2020) and others. Finally, the research was based on the literature review and the methodology of the area and established discussions about the conceptual metaphors and metonymies activated by the corpus, as well as the experiential domains involved in these processing.

178

Entradas para indexação

Palavras-chave: Conceptualização. Coronavírus. Meme. Multimodalidade. Linguística Cognitiva.

Keywords: Conceptualization. Coronavirus. Meme. Multimodality. Cognitive Linguistic.

Texto integral

INTRODUÇÃO

O estudo realizado teve por objetivo discutir os processos de conceptualização metafóricos e metonímicos que envolvem o novo coronavírus, particularmente, em dois memes multimodais compartilhados nas redes sociais Twitter e Facebook. Para embasar as discussões levantadas, recorreu-se a pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, mais especificamente da sua subárea Semântica Cognitiva, na qual se encontram os aparatos fundamentais para o estudo: a Teoria da Metáfora Conceptual, proposta por Lakoff e Johnson na década de 1980, e a Teoria da Metáfora Multimodal, proposta por Forceville na década de 1990. Isso posto, o artigo discute, inicialmente, o contexto socio-histórico-cultural da pandemia pelo novo coronavírus; depois, aborda a metáfora e a metonímia enquanto mecanismos cognitivos, além da proposta da multimodalidade metafórica e metonímica; posteriormente, é apresentada a metodologia; na sequência, expõe-se a análise do corpus e, por fim, apresentam-se as considerações finais, seguidas das referências bibliográficas.

1 O CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Atualmente, o mundo enfrenta uma pandemia global de proporções devastadoras, causada pelo chamado novo coronavírus, que, ao entrar em contato com o organismo humano, pode ocasionar a doença denominada COVID-19.

A COVID-19 caracteriza-se como uma doença infecciosa que pode se manifestar assintomaticamente ou com sintomas como coriza, tosse seca e cansaço, nos casos leves. Devido à facilidade de transmissão do novo coronavírus, que ocorre através do contato com partículas que o contenham, as medidas mais recomendadas para o enfrentamento da pandemia são o distanciamento físico e o uso de máscaras,

caso seja necessário sair de casa. Tais medidas são propostas, desde o início do período pandêmico, pela comunidade científica e por órgãos como a Organização Mundial de Saúde (OMS) e, conforme vacinas contra o novo coronavírus foram sendo desenvolvidas, imunizar-se, no momento propício a cada um, passou a ser uma das formas de avançar no combate ao vírus.

O Brasil figura, desde meados de 2020, ou seja, desde a fase inicial da pandemia, como um dos países com maior número de casos e de mortes em decorrência da COVID-19. Em 19 de junho de 2020, o país registrou a estrondosa marca de 500 mil vítimas letais do novo coronavírus, segundo matéria de Lucas Rocha (2021) na CNN Brasil. Sendo assim, as proporções da pandemia foram aumentando cada dia mais, de uma forma jamais vista pela população global no século XXI — embora o mundo tenha sofrido com epidemias e pandemias em outras escalas dos anos 2000 até agora.

Como a saúde e a crise sanitária instaurada não são tópicos dissociados da sociedade, as diversas ideologias adotadas pela população direcionam seu olhar por diferentes lentes para interpretar o momento crítico que se vive. Por isso, indivíduos que, ideologicamente, se posicionam em termos contrários ao recomendado por cientistas e médicos tendem a adotar uma postura antivacina, resistente ao uso de máscaras e cética frente ao distanciamento social. Por outro lado, há uma parcela da população que se determina a cumprir os pressupostos comportamentais para a contenção do vírus e, assim, reforçam seu posicionamento congruente com o que cientistas e entidades de saúde globais vêm recomendando.

Obviamente, há um leque de ideologias e maneiras de se pensar o período pandêmico, pois a complexidade do ser humano, juntamente com seus atravessamentos socioeconômicos, evoca posicionamentos diversos frente ao que foi, está sendo e ainda será interpretado da pandemia do novo coronavírus.

Os resultados do estudo aqui apresentado inserem-se, pois, nesse complexo contexto socio-histórico-cultural e expressam como o novo coronavírus está sendo conceptualizado metaforicamente e metonimicamente em memes das referidas redes sociais, levando em conta que é importante, num momento crítico como esse, compreender as significações atribuídas ao vírus que colocou todo o mundo em estado de alerta e mudou profundamente a maneira como o ser humano pensa sua interação social física.

2 A METÁFORA E A METONÍMIA ENQUANTO MECANISMOS COGNITIVOS

A tradição retórica, em sua constituição histórica, adotou a compreensão da metáfora enquanto um ornamento linguístico. Nessa lógica, a metáfora é um elemento opcional e sem valor cognitivo que tem sua utilização atrelada à poética e à persuasiva, sendo empregada apenas para enfeitar o texto e para dar a ele um caráter de linguagem figurada, distinguindo-se da linguagem literal, direcionada aos discursos em que se intenciona falar objetivamente.

Na década de 70, porém, as investigações acerca da metáfora direcionaram-se para uma guinada paradigmática, que culminou em um abalo com a visão tradicional da retórica e na constituição do *status* cognitivo da metáfora. Essa ruptura é consolidada pela publicação do livro *Metaphors we live by* de Lakoff e

Johnson em 1980, uma das obras seminais da Linguística Cognitiva, que só chegou a ter tradução publicada no Brasil em 2002.

Em seu texto, Lakoff e Johnson desenvolvem diversos postulados alinhados às críticas que vinham sendo feitas, amplamente, a determinados pressupostos aceitos no fazer científico, como o objetivismo. Em suma, uma visão objetivista assume que há um mundo objetivo no qual se pode acessar suas verdades absolutas e que a linguagem é um espelho dessa realidade objetiva. Sendo a linguagem uma forma de espelhar fielmente o que é acessado na realidade, ela é, enfim, literal e desloca suas dimensões figuradas para os âmbitos da imaginação e enfeite poético e retórico. No entanto, a mudança paradigmática rejeita essa visão e centraliza a cognição na percepção do mundo, sendo necessário mais que apenas as informações dadas, e sim, também, os contextos que as atravessam, como sinalizam Zanotto et al (2002).

Nesse sentido, um dos postulados centrais para a Linguística Cognitiva (doravante, LC) é a visão corporificada da mente. Adota-se, portanto, no conjunto de teorias que compõem a LC, uma perspectiva experientialista, por si só, contrária ao objetivismo. Nessa perspectiva, enfatiza-se que a experiência humana e o corpo humano que a vivencia são fatores centrais para a construção do nosso entendimento do mundo e, embora seja reconhecida a existência de um mundo físico independente da nossa espécie, entende-se que a linguagem não é um espelho direto desse mundo, mas sim resultado da interação entre organismo e ambiente, junto com seus atravessamentos socio-histórico-culturais. A experiência é, então, encarada como “resultado de estruturas cognitivas e sensorio-motoras corporificadas que geram significado através de interações permanentes com ambientes em constante mudança” (FERRARI, 2003, p. 25).

O caráter experientialista atribuído ao significado assume que significar o mundo faz parte de um mecanismo cognitivo decorrente das nossas experiências corpóreas, ou seja,

os conceitos gerados pela espécie humana acham-se inter-relacionados ao tempo, à cultura, à ideologia que os produzem e os recriam ou, até mesmo, às posições individuais que afloram no uso linguageiro. Assim sendo, qualquer significado é posicionado, já que, ao ser construído nas diferentes interações humanas, as perspectivas daqueles que o elaboram, no discurso, impõem-se. (ALMEIDA; SANTOS, 2019, p. 141).

Tendo em vista o exposto, mente e corpo não mais são uma dualidade oposta, e sim um conjunto que anda lado a lado e interage entre si na construção do entendimento das experiências vivenciadas no mundo. É a partir dessas experiências resultantes da integração entre mente e corpo que os significados são construídos. Atribuir significado é, para a LC, conceptualizar, e significar está sempre permeado pela cognição.

Por isso, a metáfora, com a guinada paradigmática que a emancipou da tradição retórica, passa a ter seu valor cognitivo reconhecido, assumindo que conceptualizar metaforicamente também faz parte dos mecanismos cognitivos atrelados à experiência. Outrossim, Lakoff e Johnson (2002) reconhecem a presença cotidiana da metáfora tanto na linguagem quanto no pensamento e na

ação, afastando a ideia de que essa só ocorre em ordem de adereçar a linguagem. Sendo assim, a forma como agimos e pensamos é metafórica por natureza e, portanto, estrutura nossa visão do mundo, comandando comportamentos e maneiras de nos relacionarmos.

Uma vez identificado o uso corriqueiro da metáfora, os mesmos autores a definem como sendo quando “um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 59). Quando essa estruturação ocorre, partes do primeiro são exportadas para o segundo. Ou seja, no processamento da metáfora, um domínio-fonte é usado, parcialmente, para compreender o domínio que se busca significar, chamado de alvo. O domínio-fonte é, geralmente, mais concreto e próximo da nossa experiência, fazendo com que seu conceito seja apropriado mais facilmente pelos falantes e servindo de origem para a estruturação metafórica. Já o domínio-alvo tem uma natureza mais abstrata e distante da experiência mais concreta, sendo, até, em alguns casos, desconhecido e novo. Assim,

tais projeções correspondem a associações, em que um domínio mais familiar ao falante (ou mais concreto) serve de ‘alicerce’ sobre o qual a mente corporificada estabelecerá novos conceitos (ou mais abstratos). (SILVA, 2016, p. 85).

É preciso, ainda, diferenciar expressões linguísticas metafóricas de metáforas conceptuais. Segundo Soriano (2012, p. 87, tradução nossa), “as metáforas conceptuais são esquemas abstratos de pensamento que se manifestam de muitas formas, entre elas, a linguagem”¹, portanto, as manifestações das metáforas na linguagem podem ser concretizadas mediante diferentes expressões linguísticas metafóricas. Do contrário, cada expressão linguística metafórica acionaria uma metáfora conceptual diferente, ideia que é refutada desde os estudos de Lakoff e Johnson na década de 1980. Por isso, na LC, convencionalmente, a notação DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE é usada para expressar as metáforas conceptuais. Então, por exemplo, se, em alguma expressão linguística metafórica, o domínio do TEMPO estiver sendo compreendido em termos de DINHEIRO, como em “não quero *gastar* meu tempo com isso”, a metáfora conceptual será manifestada seguindo a citada notação, portanto, TEMPO É DINHEIRO.

Um outro tipo de processamento conceptual importante na LC é o metonímico. O estudo da metonímia ficou, por muito tempo, à margem, posto que se centralizou o olhar na metáfora. Segundo Sperandio (2012b), o preterimento da metonímia permaneceu até 1950, quando Jakobson propôs um estudo que a diferenciava da metáfora, embora tenha levado mais tempo para que o número de trabalhos sobre os processamentos metonímicos aumentasse.

Enquanto a metáfora conceptual envolve uma projeção entre dois domínios diferentes, a metonímia

é a projeção conceitual de um domínio cognitivo sobre outro, *ambos pertencentes ao mesmo domínio cognitivo*, de sorte que o

¹ Do original: “Las metáforas conceptuales son esquemas abstractos de pensamiento que se manifiestan de muchas formas, entre ellas el lenguaje”.

domínio projetado (domínio fonte) ressalta e proporciona acesso mental ao domínio sobre o qual se faz a projeção (domínio alvo). (SÁNCHEZ, 2009, p. 8, grifo nosso).

Nesse sentido, o processamento metonímico utiliza-se somente de um domínio específico, destacando partes desse para compreender e referenciar a totalidade, no caso das metonímias de PARTE PELO TODO (“Estamos em busca de novas cabeças para a empresa”), ou inverso, no caso em que se tem o TODO PELA PARTE (“No veganismo, não se come frango”), além de outros tipos de seleções metonímicas, como AUTOR PELA OBRA (“Hoje, li Conceição Evaristo”), INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS (“A prefeitura realizou as obras”) etc.

Autores como Cuenca e Hilferty (1999) tratam dos conceitos de *punto de referência (PR)* e *zona ativa (ZA)*² para delimitar a metonímia, de sorte que, nesse tipo de mecanismo cognitivo, um ponto de referência é utilizado para viabilizar o acesso a outro ponto do mesmo domínio, ou seja, a zona ativa que se busca atingir. Esse acesso se dá pelo caráter explícito do PR, ao passo que, mesmo que a ZA esteja implícita, é possível resgatá-la no discurso. Portanto, quando se diz “a prefeitura realizou as obras”, pode-se acessar a zona ativa implícita (os responsáveis pela prefeitura) porque o ponto de referência (prefeitura) está explícito e, a partir disso, compreender que as obras não foram realizadas pela instituição em si, mas por quem a comanda.

No entanto, importa destacar que a metonímia não é somente um mecanismo referencial, tampouco um ornamento linguístico, pois

não pode ser considerada apenas como substituição do nome de uma coisa por outra, mas um fenômeno conceptual, que, como a metáfora, faz parte de nossa forma diária de pensamento, fundamentada em nossa experiência, estruturando nossos pensamentos e ações. (SPERANDIO, 2012b, p. 353).

Sendo assim, tanto a metáfora quanto a metonímia são fenômenos presentes na fala cotidiana e que proporcionam compreensão, além de não serem excludentes entre si, pois, como veremos mais à frente nas análises, esses dois mecanismos cognitivos podem interagir em prol de uma conceptualização.

3 A PROPOSTA DA MULTIMODALIDADE METAFÓRICA E METONÍMICA

Conforme os estudos acerca das metáforas e metonímias conceptuais avançaram, não demorou para que novas e atualizadas formas de se pensar suas construções surgissem no debate. Uma delas é a metáfora multimodal, discutida por Forceville na década de 1990, que é pensada a partir da Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson. Os estudos da metáfora vinham, predominantemente, analisando essas ocorrências através das expressões linguísticas verbais, mas as investigações posteriores observaram que

² Do original: *punto de referencia* e *zona activa*.

[...] a linguagem verbal é apenas uma das possíveis manifestações possíveis da metáfora conceptual, tendo em vista que ela pode ser atualizada através de outras modalidades como gestos, sons, músicas e imagens. (ANDRADE; SILVA, 2019, p. 75).

Portanto, ao compreender que o processamento metafórico se dá, também, para além de apenas a dimensão verbal da linguagem, surge a necessidade de se estabelecer uma diferença entre metáforas monomodais e metáforas multimodais. As primeiras são aquelas em que o domínio-fonte e o domínio-alvo são expressos através de um único modo semiótico, ou seja, envolve apenas uma dimensão da linguagem, seja ela verbal, imagética etc. Já as metáforas multimodais são aquelas “em que alvo e fonte são representados exclusivamente ou predominantemente sobre diferentes modos” (SPERANDIO, 2012a, p. 6).

Ademais, Andrade (2016, p. 77) destaca que, “nas metáforas multimodais, há níveis de interdependência entre texto escrito e imagem [...]”. Nesse sentido, a proposta da multimodalidade metafórica é guia essencial para este trabalho, devido à gama de recursos verbo-imagéticos presentes nos memes.

Com o andar do estudo, foi necessário recorrer, também, a considerações acerca da multimodalidade na metonímia, posto que os resultados apresentaram conceptualizações desse tipo. A metonímia multimodal segue uma linha semelhante à metáfora multimodal, pois, no processamento da sua conceptualização, são acionados dois ou mais modos semióticos distintos, resultando em um alvo e fonte de modalidades diferentes. O cerne da metonímia multimodal, então, é que essa envolve apenas um domínio cognitivo, em que uma parte desse domínio é projetada sobre outra parte do mesmo, sendo tal projeção expressa por dois modos diferentes. Conforme indica Almeida (2016, p. 105) sobre os estudos da multimodalidade nas metonímias, “ficou constatado que as imagens podem funcionar como ponto de referência para, cognitivamente, ativarem outra imagem ou manifestação linguística”, e um dos pontos-chave para este estudo é que os memes são, geralmente, fontes de criação multimodal, utilizando imagens, textos e outros modos na sua confecção para dar sentido e fazendo ocorrer, assim, manifestações de metonímias multimodais com frequência.

4 METODOLOGIA

O estudo realizado inseriu-se numa abordagem de cunho qualitativo, tendo natureza exploratória, descritiva e interpretativa, buscando analisar e compreender as ocorrências, aliando-as ao contexto socio-histórico-cultural de uso. A análise do corpus foi atravessada, principalmente, pela utilização da técnica da introspecção, que, conforme exposto por Santana (2019, p. 68, tradução da autora), ao se referir ao estudo de Talmy (2007), se dá pela “atenção consciente dirigida por um usuário da língua a aspectos particulares de como se manifesta a linguagem em sua própria cognição”.

O corpus é constituído de dois memes retirados de duas redes sociais diferentes, como já assinalado, sendo um do Twitter³ e o outro do Facebook⁴. Esses memes são parte do corpus de uma pesquisa que coletou o total de treze memes, incluindo alguns de outra rede social, o Instagram. Para chegar até esses memes, foram feitas buscas nessas redes ao longo de vários meses, a partir de palavras-chave como coronavírus, memes e Brasil, a fim de refinar os resultados e filtrá-los. Para este artigo, foi feita uma seleção dentro do corpus da pesquisa, de modo que a discussão aqui apresentada esteja consonante com os debates realizados durante o estudo de um modo geral. Como todos os memes do corpus acionaram uma mesma metáfora conceptual, a seleção se baseou em trazer memes 1) que tenham sido compartilhados em redes sociais diferentes; 2) que acionassem o domínio da guerra; e 3) que trouxessem conceptualizações metonímicas, além das metafóricas.

Após a coleta dos memes, a técnica da introspecção foi utilizada para tornar possível a reflexão e a identificação dos processamentos de conceptualização acionados, tanto metafóricos quanto metonímicos. Para tal, também, foi feita uma revisão bibliográfica dos estudos da área da Linguística Cognitiva e da Semântica Cognitiva, objetivando a apropriação do aporte teórico base para o fazer científico das análises. Dito isso, segue, então, o estudo das conceptualizações encontradas.

5 ANÁLISE DO *CORPUS*

O meme a seguir (Figura 1) foi retirado da rede social Twitter, tendo sido compartilhado em 13 de março de 2020 com a seguinte legenda: “O CARIOCA NÃO TEM UM MINUTO DE PAZ!”. Tais informações, que rodeiam a postagem, ajudam a denotar, previamente, o contexto socio-histórico-cultural em que se inscreve o meme.

³ O Twitter é uma rede social que tem como maior característica o limite de 280 caracteres para cada postagem. Devido a isso, a plataforma é um espaço de comentários mais breves e dinâmicos, onde a proposta é ser objetivo. Também é muito conhecida pela circulação de memes entre os usuários.

⁴ O Facebook é uma das redes sociais mais populares do mundo, em que é possível criar um perfil pessoal ou uma página, compartilhar textos longos ou curtos, fotos, vídeos, entre outras funções, como vídeos ao vivo.

Figura 1 – Meme 1



Fonte – <https://twitter.com/superdicasrio/status/1238475062849802240?s=20>. Acesso em: 30 jul. 2021.

Entende-se que esse meme foi posto em circulação logo no início do período pandêmico do novo coronavírus no Brasil, já que, em março de 2020, os primeiros casos da infecção começaram a ser notificados no país. Além disso, a legenda traz um enunciado que evoca uma vivência de cariocas. Nesse sentido, o meme imprime uma visão de mundo experienciada pela população da cidade do Rio de Janeiro no momento inicial da pandemia, em que não se conhecia muito o novo coronavírus, nem as consequências que esse traria posteriormente.

No meme, pode-se observar um grupo de pessoas munidas de cassetete, capacete e escudos agredindo uma outra pessoa caída no chão, aparentemente desarmada. Tais elementos imagéticos servem de base para a criação desse meme, pois são sobrepostos por elementos verbais que constroem significado em conjunto com as imagens. É nessa sobreposição e integração de diferentes modos semióticos que o meme aciona conceptualizações multimodais não apenas metafóricas, mas também metonímicas.

Ao observar a articulação dos elementos ativos no meme, nota-se que quatro das pessoas armadas que agridem a vítima no chão são sobrepostas por itens léxicos distintos, sendo eles, da esquerda para a direita, respectivamente: coronavírus, geosmina⁵, dengue e tiroteio. Tomando o item léxico *coronavírus* como foco, pois é o objeto de estudo aqui, entende-se que a sua sobreposição a uma das pessoas aciona a metáfora conceptual CORONAVÍRUS É SER HUMANO, pois o ser humano funciona como domínio-fonte que exporta partes do seu conceito para a compreensão do domínio-alvo ainda um tanto quanto desconhecido, que é o coronavírus. O mesmo ocorre com os demais itens léxicos supracitados, em que o

⁵ A geosmina é uma substância química conhecida, principalmente, por ser a responsável pelo cheiro característico de terra molhada quando chove.

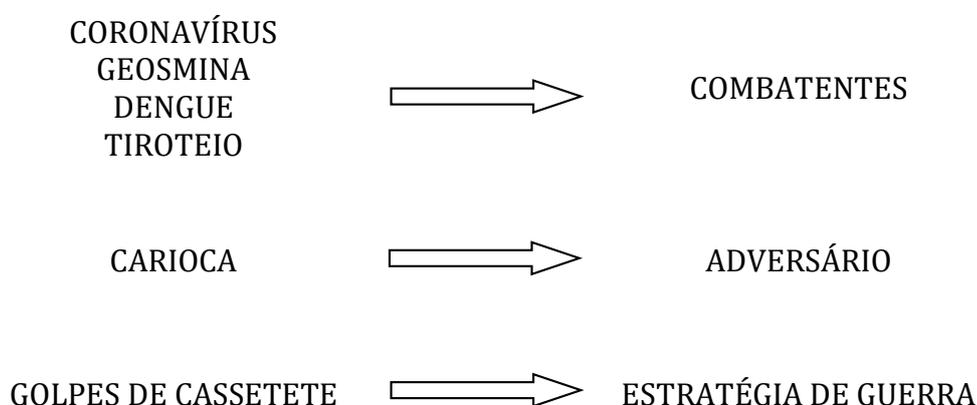
domínio do ser humano é a fonte do processamento metafórico, porém é exportado para alvos diferentes, acionando, assim, as metáforas conceptuais GEOSMINA É SER HUMANO, DENGUE É SER HUMANO e TIROTEIO É SER HUMANO.

Para além das metáforas conceptuais encontradas, há, ainda, o caso particular ocorrido com o item léxico *carioca*, que também é sobreposto a uma figura humana, nesse caso, a vítima da agressão. Entende-se que carioca é o ser humano da cidade do Rio de Janeiro, sendo assim, fazem parte do mesmo domínio conceptual e há uma relação metonímica de PARTE pelo TODO em que carioca é uma parte de todos os seres humanos.

Percebe-se, portanto, que o domínio experiencial do ser humano está presente ativamente nas conceptualizações acionadas pelo meme, sejam elas metafóricas ou metonímicas. No caso das metáforas conceptuais encontradas, ocorridas com os domínios do coronavírus, da geosmina, da dengue e do tiroteio, todas elas constituem-se enquanto personificações de domínios experienciais não-humanos, ou seja, são metáforas conceptuais em que um conceito não-humano é compreendido em termos de ser humano. Segundo Lakoff e Johnson (2002, p.88), “a personificação é, pois, uma categoria geral que cobre uma enorme gama de metáforas, cada uma selecionando aspectos diferentes de uma pessoa ou modos diferentes de considerá-la”.

A personificação do coronavírus documentada no meme, pois, torna possível compreendê-lo como o adversário de uma luta, juntamente com a geosmina, a dengue e o tiroteio, contra uma parcela dos seres humanos, nesse caso, cariocas. Nota-se, também, que, nessa luta, cariocas estão em posição de desvantagem, sendo vítimas de ataques por diversos agressores em variadas direções. Portanto, a relação entre os conceitos personificados se dá pela luta, a qual fica evidente no seguinte mapeamento:

Tabela 1 – Mapeamentos acionados pelo Meme 1.



Fonte: Elaboração do autor.

A experiência de lutas, tal qual de aspectos como adversários, armamentos, violência etc., relaciona-se e faz parte do domínio da guerra. Comumente, doenças são compreendidas enquanto uma guerra que precisa ser batalhada e vencida e, no

caso da COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus, já existem artigos, como Almeida (2020), que dissertam sobre sua conceptualização nesses termos. Nesse mesmo estudo, Almeida pontua que essa conceptualização permite

[...] escrever sobre uma área técnica, árida para a maioria da população, usando a experiência bélica que, embora não seja prototipicamente vivida no país, acompanha a humanidade em toda sua existência, de tal forma que, mesmo sem ter vivido uma guerra, aqueles que a conhecem, desde sua infância, por meio de brincadeiras ou de desenhos animados, e, ao longo de toda sua vida, através de livros de história, documentários, reportagens, filmes, poemas, prosas, entre outros registros de modelos culturais, poderá compreender a experiência de tratamento da doença em seus termos, com a utilização de armas de defesa, entre outras estratégias, para derrotar o inimigo [...]. (ALMEIDA, 2020, p. 25).

Portanto, o meme traz a personificação do coronavírus, da geosmina, da dengue e do tiroteio para compreendê-los, especificamente, enquanto adversários de uma luta enfrentada pela população carioca. Essa problemática foi notificada nos meios de comunicação, a saber que, em 2020, a população carioca sofreu com o cheiro e o gosto estranho da água encanada, que, a princípio, se pensava ser causado pela substância da geosmina — causa posteriormente desmentida, segundo matéria de Chico Regueira (2020) no G1. Também, em janeiro do mesmo ano, dois meses antes da publicação do meme, o Ministério da Saúde previa que o estado do Rio de Janeiro poderia passar por um surto de dengue a partir daquele março. Por fim, é sabido que a violência no estado do Rio de Janeiro é uma realidade constante e assustadora, tal como na sua capital, onde vive a população carioca, enfocada no meme, que, mesmo com o isolamento social instaurado pela pandemia, continuou com altos números de tiroteios.

Exposta a discussão acerca do primeiro meme, apresenta-se a análise do segundo, conforme a seguir:

Figura 2 – Meme 2.



Fonte:

<https://www.facebook.com/thiagoAlicerce/photos/a.435996503702477/758240728144718/>. Acesso em 30 jul. 2021.

Esse outro meme (Figura 2 – Meme 2) foi retirado da rede social Facebook, tendo sido compartilhado em 13 de março de 2021, exatamente um ano após a postagem do primeiro meme aqui analisado. Nele, é feita uma divisão em três partes da imagem, nas quais se configuram cenas que funcionam como um roteiro narrativo, bem semelhante à estrutura de uma tirinha. No primeiro quadro, observam-se duas pessoas cumprimentando-se com um aperto de mão, como se estivessem fazendo um acordo, sendo a pessoa da esquerda sobreposta pela bandeira da Coreia do Sul, e a pessoa da direita pelo elemento verbal *governos e municípios*. A sobreposição desses elementos de modos semióticos distintos, o imagético e o verbal, constitui a integração entre conceitos, fazendo acontecer o processamento metafórico multimodal, pois o domínio conceitual sobreposto é o alvo que se busca compreender a partir dos domínios conceituais posicionados abaixo dele, ou seja, a fonte.

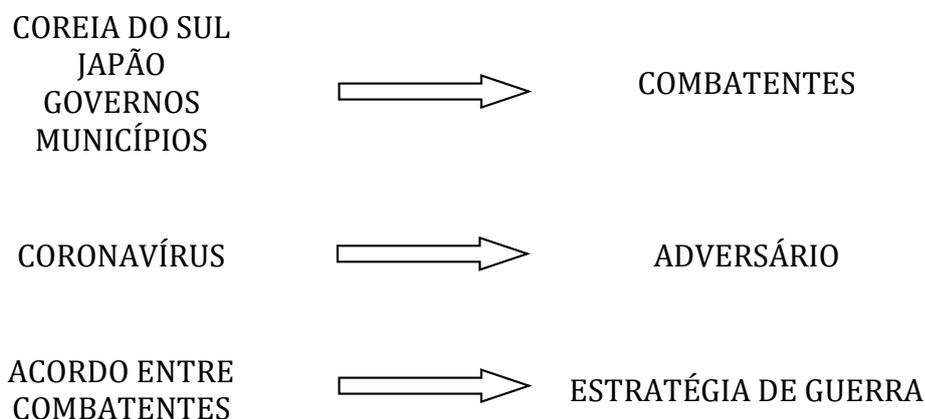
Sendo assim, a interação entre os elementos indica a presença das metáforas conceptuais GOVERNO É SER HUMANO, MUNICÍPIO É SER HUMANO e COREIA DO SUL É SER HUMANO. No caso da última, há, ainda, um processamento metonímico por trás, já que a bandeira da Coreia do Sul é utilizada para acessar o domínio do país em si, ou sua população, posto que símbolos pátrios como bandeiras, brasões e outros, geralmente, são compreendidos como elementos que podem conceptualizar

a totalidade de uma nação. Assim, há a metonímia do tipo SÍMBOLO PELA NAÇÃO e, ainda, BANDEIRA POR POPULAÇÃO.

Ainda, o aperto de mão é sobreposto pelo elemento verbal *combater o coronavírus*. Entende-se, portanto, que os representantes dos governos e municípios da Coreia do Sul fizeram um acordo com a população do seu país para o enfrentamento do novo coronavírus.

O mesmo ocorre no segundo quadro, mudando apenas a bandeira da Coreia do Sul pela do Japão. Portanto, a intercalação dos elementos põe em pauta a organização governamental desses dois países asiáticos contra o novo coronavírus. Dessa forma, a expressão “combater o coronavírus” aciona o domínio experiencial da guerra, pois a utilização do verbo *combater* evoca conceitos experienciados em uma situação bélica, como o combate, adversários e estratégias para alcançar a vitória. Ou seja, nos dois primeiros quadros, o meme aciona os seguintes mapeamentos:

Tabela 2 – Mapeamentos acionados pelo Meme 2.



Fonte: Elaboração do autor.

O meme, enfim, traz um terceiro quadro que conclui seu roteiro narrativo com uma cena de um filme da franquia *Piratas do Caribe* em que cinco piratas apontam armas uns aos outros, enquanto o restante da tripulação do navio assiste o momento de tensão iminente. Então, cada uma das cinco pessoas armadas é sobreposta por um elemento, sendo a da esquerda sobreposta pela imagem da bandeira do Brasil e as demais, respectivamente, da esquerda para a direita, pelos itens léxicos *prefeitos*, *governadores*, *coronavírus* e *presidente*. Da mesma forma como ocorre nos primeiros quadros, a sobreposição de elementos revela a presença do processamento metafórico, em que o conceito sobreposto é conceptualizado em termos do que se posiciona abaixo. Nesse sentido, é possível notar o acionamento das metáforas BRASIL É SER HUMANO e CORONAVÍRUS É SER HUMANO, sendo, na primeira, também presente uma metonímia do tipo SÍMBOLO PELA NAÇÃO e BANDEIRA POR POPULAÇÃO, já que a bandeira nacional do Brasil é um símbolo pátrio usado, nesse caso, como elemento referencial para o país como um todo.

Com relação às construções de significado atribuídas aos itens léxicos *prefeitos*, *governadores* e *presidente*, entende-se que há um processamento

metonímico, por se tratar de conceptualizações que envolvem apenas um domínio experiencial, o do ser humano. Prefeitos, governadores e presidentes são encarados como ofícios exercidos por seres humanos, dentro de uma estrutura de República, caso do Brasil.

Dito isso, destaca-se, então, a personificação, mais uma vez, do coronavírus. Sua ocorrência nesse segundo meme o coloca em interação com diferentes domínios conceituais, mas um deles torna a manifestar-se: o domínio da guerra. Tendo em vista o debate feito acerca do primeiro meme, sabe-se que conceptualizar doenças em termos de guerra é recorrente, posto que se entende uma determinada doença enquanto um inimigo a ser combatido e vencido. Nesse caso, não se compreende a doença COVID-19, mas sim seu vírus motor. O novo coronavírus é, então, conceptualizado em termos de um ser humano que participa de uma troca de tiros iminente, junto com as demais significações resultantes: os prefeitos, governadores e o presidente. Posto que esses agentes interagem entre si como adversários, pois apontam as armas uns aos outros, constrói-se, aqui, um outro panorama de guerra. Se, nos primeiros quadros, os países e seus governantes performam, em parceria, enquanto adversários do coronavírus, tendo o objetivo comum de combatê-lo, no terceiro e último quadro, instaura-se uma fragmentação na guerra e os governantes voltam-se contra seu próprio país, além de enfrentarem o vírus e vice-versa.

Embora todos sejam inimigos entre si, há uma relação de proximidade nos elementos do terceiro quadro que faz com que cada um sustente um combate direto com apenas dois dos adversários, ao mirar as armas para esses. Portanto, a batalha se dá com os seguintes confrontos diretos:

Tabela 3 – Confrontos diretos estabelecidos pelos elementos do Meme 2.

BRASIL	X	PREFEITOS, PRESIDENTE
PREFEITOS	X	BRASIL, GOVERNADORES
GOVERNADORES	X	BRASIL, CORONAVÍRUS
CORONAVÍRUS	X	GOVERNADORES, PRESIDENTE
PRESIDENTE	X	BRASIL, GOVERNADORES

Fonte: Elaboração do autor.

Sendo assim, é possível notar que há uma relação de distância estabelecida entre o coronavírus e o Brasil, que não se enfrentam diretamente, mas que não são, também, aliados. Porém o país entra em confronto direto com os prefeitos e o presidente, possibilitando compreender que esses são seus adversários mais incisivos. Já com relação aos embates diretos com o coronavírus, esse tem, em sua mira, os governadores e o presidente, revelando, assim, que esses são os inimigos

imediatos do vírus. Os prefeitos, por sua vez, batalham apenas com o país e com os governadores, que, por conseguinte, guerreiam diretamente com o coronavírus. Destaca-se, então, a conflitante relação entre os representantes políticos e o Brasil, pois, no meme, todos eles, prefeitos, governadores e presidente, colocam o país na mira.

Por último, a posição do presidente no embate é desviante, pois, ao invés de apontar sua arma para o adversário exatamente à sua direita, coloca os governadores na mira, junto com o país. Portanto, a disposição dos agentes atuantes no conflito do meme revela uma escolha da parte do presidente do Brasil em não enfrentar o coronavírus diretamente, ainda que esse o ameace, preferindo o embate frontal com os governadores e com o país. Também, essa disposição dos elementos expõe e põe em discussão a atual crise política vivenciada no Brasil, em contraste com a Coreia do Sul e o Japão, devido a posicionamentos conflitantes no tocante ao enfrentamento do novo coronavírus, posto que o governo federal detém uma postura de negligência ao vírus, gerando uma falta de acordo e união entre vários políticos, o que prejudica o encurtamento da estadia pandêmica no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo aqui exposto, foi possível constatar o acionamento do domínio da guerra nos processamentos de conceptualização metafóricos e metonímicos que envolvem o novo coronavírus em memes. Sabe-se que a pandemia instaurada por esse vírus já chegou a ceifar mais de milhões de vidas por todo o mundo, o que a coloca como um dos episódios mais violentos a nível global no século XXI. A compreensão do coronavírus através de conceitos do domínio da guerra, bem como sua associação a elementos como armas de fogo, cassetetes e cenas de luta, evocam e denunciam a natureza cruel e brutal que se tem vivido diante das consequências da COVID-19. Portanto, faz-se notável a importância de se observar os mecanismos cognitivos de conceptualização que os criadores de memes, que são testemunhas desse contexto socio-histórico-cultural, acionam e registram, principalmente nos espaços virtuais em que circulam os memes, pois a tecnologia e as redes sociais são, para a atualidade, centros de impacto nas discussões sociais acerca dos mais variados assuntos, tendo alta relevância, inclusive, para os estudos linguísticos que se propõem a investigar as dinâmicas do uso real da linguagem.

Referências

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Brasil, 2015: como a presidenta, seu partido, seus eleitores e seu governo podem ser conceptualizados em rede social. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 99-118, dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2016v20n40p99>. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2016v20n40p99>. Acesso em: 17 out. 2021.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Estamos sempre em guerra? Estudo cognitivo sócio-histórico de uma metáfora da Gripe Espanhola e da Covid-19. *Estudos Linguísticos e*

Literários, Salvador, n. 69, p. 366-395, 2020. DOI:

<https://doi.org/10.9771/ell.v0i69.44310>. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44310>. Acesso em: 17 out. 2021.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos. O estudo do significado léxico em Semântica Sócio-histórico-cognitiva. *Macabéa*, v. 8, n. 2, p. 136-157, jul.-dez.

2019. DOI: <https://doi.org/10.47295/mren.v8i2.1932>. Disponível em:

<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/1932>. Acesso em: 17 out. 2021.

ANDRADE, Adriano Dias de. *Metáforas multimodais em anúncios publicitários impressos*. 2016. 256 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

ANDRADE, Luiz Henrique Santos; SILVA, Marcos Antônio da. Metáforas multimodais sobre a reforma da Previdência Social no Brasil: uma análise semântico-cognitiva no gênero charge. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 79, p. 71-83, 2019. DOI:

<https://doi.org/10.17058/signo.v44i79.12676>. Disponível em:

<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/12676>. Acesso em: 17 out. 2021.

ROCHA, Lucas. Brasil ultrapassa marca de 500 mil mortos pela Covid-19. *CNN Brasil*, São Paulo, 19 jun. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-ultrapassa-a-marca-de-500-mil-mortos-pela-covid-19/>. Acesso em 30 out. 2021.

CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.

FERRARI, Lilian Vieira. A Linguística Cognitiva e o realismo corporificado: implicações filosóficas e psicológicas. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 23-29, jul.-dez. 2001. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/edicoes/2001-2/volume-5-n-2-2001/>. Acesso em: 17 out. 2021.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

REGUEIRA, Chico. Cheiro e gosto ruins nas águas do RJ não foram causados por geosmina, análises da UFRJ. *G1*, Rio de Janeiro, 04 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/04/cheiro-e-gosto-ruins-na-agua-do-rj-nao-foram-causados-pela-geosmina-segundo-analises-da-ufrrj.ghtml>. Acesso em 30 out. 2021.

SÁNCHEZ, Antonio Barcelona. O poder da metonímia. Trad. Michelle Kühn Fornari. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 25, p. 7-24, jul.-dez. 2009.

SANTANA, Neila Maria Oliveira. *Estudo sócio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorizações do amor em cartas dos séculos XIX e XX*. 2019. 215 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SILVA, Eliane Santos Leite da. Uma leitura semântico-cognitiva das conceptualizações de trabalho em escrita jornalística contemporânea. *Prolíngua*, [s. l.] v. 11, n. 1, p. 83-95, jan.-

jun. 2016. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/prolingua/article/view/30633>. Acesso em: 17 out. 2021.

SORIANO, Cristina. La metáfora conceptual. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (ed.). *Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos, 2012. p. 87-109.

SPERANDIO, Natália Elvira. Multimodalidade e processamento metafórico em um texto digital: abordando o sentido a partir da interação entre o verbal e o imagético. *Hipertextus*, [s. l.], v. 8, n. 8, p. 2-9, jun. 2012a. DOI: <https://doi.org/10.47867/htxt.v8i8>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/hipertextus/issue/view/3062>. Acesso em 17 out. 2021.

SPERANDIO, Natália Elvira. O sentido resultante da interação metafórica e metonímica. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 44, p. 347-364, jun. 2012b. DOI: <https://doi.org/10.22456/2236-6385.27097>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/27097>. Acesso em 17 out. 2021.

ZANOTTO, Mara Sophia et al. Apresentação à edição brasileira. In: LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

Para citar este artigo

RIOS, Jonedson Costa. A conceptualização do novo coronavírus em memes multimodais de redes sociais: uma guerra em tempos de pandemia. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 1, p. 177-193, jan.-abr. 2022.

O autor

Jonedson Costa Rios é graduando em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia. Atuou como monitor de Introdução ao estudo da língua latina. Desenvolveu pesquisa de iniciação científica fomentada pela FAPESB, investigando a conceptualização metafórica e metonímica do novo coronavírus em memes multimodais publicados em redes sociais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6302-9554>.

Apoio e financiamento: FAPESB.